

PROJETO DEMONSTRA

*Meu corpo não é meu
corpo,
é ilusão de outro ser.*
Carlos Drummond de
Andrade

Com práticas e pesquisas se ocupando do corpo que rompe com as formas de normatização para projetar lugares novos de subjetivação e experiência estética, o **Projeto Demonstra** entende que compartilhar conhecimentos e poéticas é essencial. O corpo não normativo é objeto de discussão na obra de seis artistas que ampliaram, durante a primeira edição da Residência Artística Demonstra-Poéticas Informes, a experimentação, conferindo à criação uma nova proposta. O corpo não é o suporte da arte, mas é sim a total *incorporação* do corpo na obra e da obra no corpo.

Foram quatro meses de trocas e descobertas. De entendimentos e quebra de barreiras. De inclusão e de acessibilidade a lugares nem sempre facilmente acessíveis. Momentos em que foram questionadas narrativas pessoais e sociais. Como olhar para o corpo deficiente e entender a poética de cada um? Como aproximar o público quando a distância entre artista e observador precisa ser diminuída para que a obra se realize? Não basta ao artista o poder criador e a inteligência, mas que seja um ser social, modificador também de consciências, transformador revolucionário. É preciso que participe de sua época, seu momento, seu lugar no universo. Mais que tudo é o encontro do corpo do indivíduo com o corpo social quando o processo é mais relevante do que o objeto finalizado.

Como o final é também início, começa agora, para esses artistas, uma caminhada ambiciosa. Porque o corpo é caminho. É preciso levar essa afirmação, impregnada de potência, para divulgar um ideal. Que o corpo com

deficiências seja, sim, um símbolo de lutas, de vitórias sobre preconceitos e exclusões. Não importam as faltas, as rachaduras, as ausências, as dores. As cicatrizes ficarão para lembrar a superação. E sempre será possível transmitir significados por meio da produção poética.

GUTO OCA

Dizem que os cabelos, mesmo depois de separados do corpo, permanecem unidos ao ser, concentrando espiritualmente suas virtudes. Guardar mechas de cabelo, hábito bastante difundido, significa bem mais do que um simples desejo de perpetuar uma relação. Revela a vontade de fazer sobreviver a pessoa a quem os cabelos pertenciam, conservar sua força e virilidade. São inúmeros os rituais envolvendo o corte e demais cuidados com os cabelos. O resgate da cultura e a valorização do negro vêm juntamente com a sua estética e um ponto bastante relevante nessa relação é o cabelo. Carapinha, pixaim, cabelo afro, cabelo denso, lanoso – é tudo parte da identidade negra, da tradição e orgulho de uma raça sempre em busca de visibilidade e respeito.

Para Guto Oca o cabelo é proteção, é manto, é força. É também cuidado e ritual. Lava com água salgada, ensaboa, costura e entrelaça, constrói trançados com os fios que irão cobrir seu corpo durante as caminhadas. É uma forma de resistir. Como escudo, seu manto de cabelos costurados e seus chinelos o levam por entre a indiferença, a invisibilidade, o confronto. Não importa o chão, não importa a dureza de trilhos e pedras, não importa a escuridão da encruzilhada. Exu dirige e protege o artista que faz do peso do manto a energia para realizar a travessia. E ao caminhar, é o olhar do outro, a curiosidade despertada, o pensamento silencioso dos passantes que fazem a conexão e completam o sentido da experiência. A interação é fundamental para que tudo seja válido.

Guto utiliza o conceito denominado “Daltonismo Racial” para falar da invisibilidade de cores, de raça, de violência que pode ser claramente

constatada em relação à raça negra. Ser daltônico abriu, para o artista, as portas para questões bastante importantes quando se fala de cor de pele, valorização cultural e entendimento da diversidade.

JEFF BARBATO

Se o corpo é tanto alvo de poder como ator principal de todas as utopias, como nos diz Michel Foucault, para Barbato ele é alvo de questionamentos e percepções. As imperfeições e incompletudes o levam constantemente a lugares bastante iluminados, pois de cada fissura escapa a luz, de cada rasgo crescem possibilidades. O menino da boca rachada, “tão sem boca, tão sem lábios, tão sem fala compreensível” cresceu na procura de outras maneiras de perceber as transformações, de conviver com a diferença e fazer dela uma busca por respeito e acolhimento. As palavras de Conceição Evaristo tocaram fundo em sua necessidade de deixar vir à tona toda a dor interna. Sua poética nasce do corpo, mas caminha por veredas mais complexas. Como rios que separam terras e raios que abrem fendas, a obra de Barbato busca mapear estruturas rachadas. Permeando seus múltiplos trabalhos encontramos a narrativa pessoal trazendo a simbologia do corpo com fissura, o estigma desses corpos marcados pela discriminação e preconceitos. “Busco associações entre corpos dissidentes e as mutações do espaço, as transformações e diversidades da natureza” diz Barbato em suas pesquisas e propostas de trabalho. Em *Formação-Deformação*, vídeo de 36 segundos, explora a animação para levantar a questão da padronização da formação humana. A quebra do padrão estético ideal é a intenção de Jeff ao transferir as diversas imagens em loop. Suas pesquisas continuam em suportes diversos, buscando as rachaduras impostas ao caminhar, as fendas deixadas por imperfeições que nunca definem, mas sim amplificam. O olhar atento e amoroso encontra a carne viva por trás da cicatriz. E cuida.

JOÃO PAULO RACY

Uma série de esculturas realizadas com materiais provenientes da construção civil e do universo hospitalar. Uma produção que se utiliza de cimento, areia, soro fisiológico e vergalhões para desenvolver a temática da reconstrução. A ideia de refazer partes do próprio corpo dilacerado, com elementos menos vulneráveis do que a carne é, para João Paulo Racy, um projeto que envolve múltiplos experimentos. A perna, da qual foram roubados 45 centímetros, é como a ponte danificada, o prédio implodido, a cidade arrasada. Não voltará a ser a mesma, sua função estará para sempre prejudicada e o que a substituir será apenas um simulacro. Ao juntar fixadores ortopédicos, usados para recuperar corpos acidentados, com cimento fraturado, o artista desenvolve uma obra que questiona a construção e a desconstrução. Impossível não pensar na fragilidade do corpo, no acaso que retira possibilidades importantes do ser humano, mas que abriga, ao mesmo tempo, a reinvenção. Quando o olhar recai sobre o finito torna-se mais condescendente. A fragilidade desperta instintos adormecidos, a dor procura a resistência como meio de sobrevivência para o corpo.

João Paulo Racy, em **1.18 pés**, trabalha com a elaboração de algo sólido, resistente, que não será danificado com facilidade. A ponteira de ferro bate insistentemente no cimento e apenas algumas lascas são retiradas. Mas sua perna foi cortada em segundos. Mas sua vida ficou para sempre marcada por uma ausência, como a dos azulejos na parede em demolição, como os degraus da escada caracol abandonada. Para Racy interessa a sombra, o improvável, o irrecuperável, como os balões da festa, agora presos no alto do poste. Propõe novas possibilidades usando a imagem para ressignificar a ausência, a falta, o provisório. Sua obra é contundente como as raízes da

árvore expostas no cimento da calçada e a moradia improvisada daqueles em situação de rua. Mas é também inspiradora como as samambaias que nascem em fendas improváveis.

JUCA FIIS

Atuar de forma a proporcionar uma nova experiência artística, é uma das propostas de Juca Fiis, que inclui o corpo como parte do trabalho. Obras que se definem a partir da relação circular entre artista e espectador promovem, intencionalmente ou não, um circuito diferenciado, no qual as palavras de ordem giram em torno do enunciado de Hélio Oiticica – *“Experimentar o experimental”*, que virou lema, assim como a frase de Mário Pedrosa, *“Exercício experimental de liberdade.”* A liberdade passou a ser a palavra-chave da relação íntima e direta com o gesto e a ação.

Juca Fiis experimenta a liberdade de criar, em cada uma de suas obras e usa como suportes para desenvolver seu trabalho o desenho, vídeo, escultura. Ao se definir como pessoa não binária/trans, desenvolve seu pensamento no sentido da desconstrução do conceito. Deseja, assim, rejeitar referências estéticas do corpo normativo, dirigindo suas pesquisas para as narrativas de renascimento, renovação e criação. Morte e vida. Construção a partir da explosão do próprio corpo - do fogo, da deformação, da destruição da casa/corpo - para que possa enfim surgir algo novo e que faça sentido. Acho que essas são questões inerentes à obra de Juca e que surgem em fotos de suas experiências. O fogo assim como o mar, as galáxias, raios, areia, sonho e sono são temas recorrentes. Mas o lúdico e o trabalho com crianças assume um vulto bastante considerável quando se observa as brincadeiras, os bichos, a irreverência da língua pra fora, os olhos que piscam e os personagens de jogos da internet trazidos numa parceria com os pequenos. Juca vibra com esses *“pequenos e importantes acontecimentos para sempre”*, como nomeia.

Gosta dos pequenos formatos, das crianças e das pipocas. Gosta do milho que tem a coragem de se transformar em pipoca, após passar pelo fogo, com todas as referências que possam estar aí incluídas. A transformação exige coragem na passagem pelos caminhos de dor e fogo. Crianças veem monstros que alguns dizem ser invisíveis; mas invisível é jeito humano de lidar com o que incomoda e amedronta. Monstros são seres e espécies que vivem dentro de nós e disso as crianças também entendem. E eles habitam certamente a obra do artista que não se cansa de experimentar, invocando por vezes o caracol que simboliza a regeneração. Assim como a lua, é o tema do eterno retorno, da permanência do ser através das flutuações da modificação. Nada mais coerente.

NARA ROSETTO

São 52 degraus para descer, 52 degraus para subir. No total, 104 graus diferentes de uma dor que ninguém mais sente, mas que tira o fôlego do corpo que habita. Assim a artista Nara Rosetto fala da dor que invade, se instala e se faz presente em seu cotidiano. Traduz numa obra sensível e corajosa cada minuto que convive com a vulnerabilidade. São fotos, peças têxteis de grande beleza, vídeos e foto-performances conversando intimamente com um corpo frágil que insiste em dizer: Eu ainda estou aqui! Apesar de todas as limitações e preconceitos. Apesar dos estigmas, *Eu ainda estou aqui!*

Nara Rosetto tem como objeto de pesquisa o corpo e sua experiência com o mundo. A subjetividade da dor, o incômodo, os sintomas da doença, a solidão, as dúvidas, a desigualdade de gênero e tantas outras questões relacionadas ao corpo em sofrimento influenciam decisivamente o seu processo criativo.

Ao bordar, em tecidos e fotos, palavras que se relacionam com sua trajetória, na verdade está enfrentando uma dura batalha. Está gritando para fora de suas janelas a dor que ninguém mais percebe e que pretendem banalizar. Suas

bandeiras zombam da dor, manipulam e negam o que por vezes tenta derrubá-la. A agulha furando o tecido repete um movimento curativo, ancestral. Agulha e fio criando a afetividade e a delicadeza, ambas tão presentes em sua obra. São necessárias muitas palavras para expressar o que o mundo não consegue enxergar e entender. E então a artista, através de sua poética, procura não desaparecer, não sucumbir. A obra de Rosetto se faz presente como o zumbido que invade o ambiente, que inquieta e perturba, do mesmo modo que macios travesseiros e cobertores não conseguem confortar e potentes comprimidos não suprimem o sofrimento. É pele esticada ao máximo, rompendo, rasgando e persistindo num movimento de seguir em frente.

LUA CAVALCANTE

Um corpo aberto, atuante e exposto, em pleno exercício de ações políticas. O corpo da artista é transformado em corpo crítico que assim passa a questionar sua posição na sociedade. Lua Cavalcante, em seus processos artísticos, explora diversas linguagens, destacando seu corpo como objeto fundamental de análise. Um corpo aleijado gerador de saberes e entendimentos. Um corpo não normativo em busca de ressignificações, mas capaz de transitar entre os campos metafísicos e carnais de uma forma que o corpo sem deficiência nem sempre consegue. Para a artista é importante ritualizar suas ações, procurar na espiritualidade a autonomia dos corpos deficientes e aprisionados, criar uma reza de acolhimento para interpretar e produzir a realidade. O mágico e o encantado surgem na figura de Santa Maria Garra, que não cura as deformidades, mas aponta para caminhos, reorganizando pensamentos de inclusão e afirmação de uma ancestralidade aleijada. A santa não clama por amenizar dores, mas oferece a visibilidade para tantos que sempre foram

ocultados, escondidos e ignorados. É a força para resistir que a divindade derrama sobre os que a ela recorrem. Maria Garra cura perspectivas.

O corpo é o motor da obra, ou ainda é a ele que a obra leva, diz Frederico Morais a respeito das propostas de Oiticica e Lygia Clark. O crítico também afirma que o artista deveria atuar como um guerrilheiro, pois a arte é uma forma de emboscada. E é justamente nessa emboscada que é preciso cair para entender a obra de Lua Cavalcante. Sua proposta de “solidificar uma consciência da deficiência como potência de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento” é uma forma de experimentar a realidade na sobrevivência. É a guerreira levantando suas bandeiras, enxugando suor e lágrimas, carregando água na cabaça, num ato de sacrifício e purificação, de expurgo. Se não há possibilidade de descanso que ao menos a conexão com o divino alivie o peso. Que a *Mandinga de Aleijadu* seja uma reza de conforto, inclusão e respeito. Que a força da arte continue a gerar trocas de experiências e seja sempre uma “luz intensa, quebrada, incandescente, inconstante e também inapagável.”

Isabel Sanson Portella

Crítica e Curadora da Residência Demonstra